

Jorge de Sena e Alemanha: Traduções e Contatos Culturais

Thomas Sträter

University of Heidelberg

Resumo: Quando Portugal foi o país convidado e foco da Feira do Livro de Frankfurt de 1997, o livro “Bibliografia da Literatura Portuguesa” foi publicada como um inventário de acompanhamento do evento. Pela primeira vez recolheu todas as obras literárias de autores portugueses traduzidas para o alemão. Sob a palavra-chave Jorge de Sena, os leitores interessados puderam encontrar uma lista com os dados bibliográficos do autor, falecido em 1978, sobre as obras ou partes delas disponíveis em alemão até então. O único trabalho independente, no entanto, é a novela “Der wundertätige Physikus” (“O físico prodigioso”) publicada postumamente, traduzida por Curt Meyer-Clason em 1989. Todas as outras traduções listadas referem-se principalmente a poemas individuais (dos volumes Pedra Filosofal, Brasil, Metamorfoses, Conheço o sal, Quem muito viu, sofreu, passou trabalhos ..., Poesia I, Ideário para a criação etc.) e alguns contos (de Andanças do demónio) que até então tinham surgido em várias antologias da literatura portuguesa ou como artigos individuais em revistas (e.g. Humboldt).

Nos últimos anos, foram acrescentadas algumas outras publicações de obras traduzidas de Jorge de Sena. Eles oferecem uma base mais ampla para uma compreensão mais profunda da criação literária de Sena. A minha contribuição gostaria de apresentá-las e também de examinar a recepção literária como os pontos de contato entre a obra de Sena e a cultura e a história intelectual alemãs.

Abstract: When Portugal was the guest country and focus of the 1997 Frankfurt Book Fair, the book Bibliography of Portuguese literature was published as an accompanying inventory of the event. For the first time it collected all the literary works of Portuguese authors translated into German during the last centuries. Under the keyword Jorge de Sena, interested readers could find a list of the bibliographical data of the author, who died in 1978, on the works or parts of them in German available up to that time. The only independent work, however, is the posthumously published novella *Der wundertätige Physikus* (*O físico prodigioso*) translated by Curt Meyer-Clason in 1989. All other listed translations mainly concern individual poems (from the volumes *Pedra Filosofal*, *Brasil*, *Metamorfoses*, *Conheço o sal*, *Quem muito viu, sofreu, passou trabalhos ...*, *Poesia I*, *Ideário para a criação* etc.) and a few stories (from *Andanças do demónio*) that had been published in various anthologies of Portuguese literature or as individual articles in German journals or magazines (e.g., Humboldt) until then.

In recent years, several further translated publications of works by Jorge de Sena have been added. They offer a broader basis for an understanding of Sena’s literary creation. My contribution would like to present these and also to examine the literary reception and points of contact between Sena’s work German culture and intellectual history as well.

Primeiramente, antes de tudo, gostaria de agradecer o convite a participar deste pequeno colóquio 100 Years of Jorge de Sena à UCSB e instituições de apoio a este eminente colóquio, à Comissão Organizadora e, muito especialmente, à Professora Élide Valarini Oliver, que não poupan esforços para a concretização de minha nova vinda, a segunda vez neste ano à Santa Barbara e à Professora Silvia Bermúdez.

O obituário de Jorge de Sena publicado no jornal alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung* de 6 de junho de 1978 homenageou o autor, poeta, prosador e exímio estudioso literário, falecido aos 58 anos em Santa Bárbara, Califórnia. Inicia-se com uma menção sumária das inúmeras obras de suas últimas quatro décadas, destacando o volume de contos *Die großen Kapitäne (Os Grandes Capitães)* como a sua última publicação (que, no entanto, ainda não havia sido publicada em alemão à época). Refere-se ao autor eminentemente político, que sempre se opôs fortemente ao regime autoritário de Salazar em Portugal e que, após muitos anos de exílio no Brasil e nos EUA, só regressaria à pátria após a chamada Revolução dos Cravos, em 1974 (entretanto, segundo sua própria declaração, estivera em Portugal em 1970, como turista e para tratamento médico). O necrológio conclui com a excepcional admiração de seus colegas-autores portugueses, que, numa sondagem realizada por um jornal, elogiaram-no como o maior poeta de Portugal e chegaram a declará-lo digno de receber o Prêmio Nobel.

Vinte anos depois, sabemos, seria um outro português, o romancista José Saramago, com as suas obras de grande sucesso mundial, publicadas nos anos 80 da década passada, após a morte de Sena, o primeiro autor de língua portuguesa a receber tal prêmio.

Provavelmente o falecimento prematuro de Jorge de Sena seja a razão para a — ainda — precária presença do seu trabalho no mundo de língua alemã. Após a sua morte, uma *idade de ouro* dos estudos lusitanos instaurou-se na Alemanha, na década de 1980: novas cátedras foram criadas (incluindo a cátedra Carolina Michaëlis Vasconcelos, dedicada exclusivamente aos estudos lusitanísticos na universidade de Trier e que já não mais existe), cursos sobre todos os aspectos da Lusofonia, as variedades da língua portuguesa no mundo, suas culturas e literaturas em quatro continentes, acompanhados por um número crescente de alunos, bem como a presença de autores portugueses e brasileiros convidados para leituras e palestras na Alemanha. Provavelmente este auge da recepção das culturas lusófonas entre nós também se deveu à agenda política e cultural do governo alemão da época, que aguardou pelo fim da ditadura militar de 20 anos no Brasil e se preparou para celebrar a entrada de Portugal na União Europeia, em 1985.

Nesse período, eu era estudante do Instituto Luso-Brasileiro da Universidade de Colônia, fundado por Leo Spitzer na década de 1930. Como aluno, fui introduzido na diversidade da língua portuguesa através uma professora da cidade do Porto, enquanto fazia cursos na Clássica, em Lisboa, e em vias de preparar o meu doutorado no Brasil, em Fortaleza. Neste mesmo ano, 1982,

uma estudiosa da literatura de língua portuguesa, formada no mesmo instituto de Colônia dedicado ao assunto, fundava a maior agência literária dedicada a autores lusófonos na Alemanha: era Ray-Güde Mertin, que levou o empreendimento com sucesso até a sua morte prematura, em 2007. Seu maior êxito ocorreu quando tornou-se a agente e representante mundial de José Saramago. Sua agência (funcionando até hoje, agora sob o nome Agência Literária Mertin, tem em Nicole Witt sua nova proprietária) mantém em seu programa quase todos os importantes autores de língua portuguesa dos quatro continentes, negociando contratos de tradução entre editores e tradutores. Como agente literária, Ray-Güde Mertin esteve envolvida na organização e gestão da Feira do Livro de Frankfurt de 1997, quando Portugal foi o país convidado e o foco principal do evento.

Nesta ocasião, incentivado por ela, surgiu também, pela primeira vez, uma *Bibliografia da Literatura Portuguesa*, de grande amplitude, que tinha como proposta o objetivo de “cobrir toda a literatura portuguesa traduzida para a língua alemã até então” (Küpper 1997: 11)¹, que abrangesse não só obras integrais (romances e livros de outros gêneros — poesia, peças de teatro etc.), mas também as chamadas publicações parciais, dispersas em antologias e periódicos em parte desconhecidos. Tal tarefa foi lograda pelo estudioso Klaus Küpper, a quem devemos também uma bibliografia de quase quinhentas páginas da literatura brasileira traduzida para o alemão. Küpper faz referências a estas últimas publicações de Sena, fazendo justiça à vasta obra do poeta e romancista que, nesta altura, no final dos anos 90, só se encontrava presente na Alemanha com uma única obra, a novela *O físico prodigioso*, traduzida como *Der wundertätige Physikus* pelo decano da corporação alemã de tradutores, Curt Meyer-Clason, o pioneiro e incansável divulgador das culturas lusófonas em terras germânicas, morto em 2012.

No prefácio dessa *Bibliografia da Literatura Portuguesa*, Mertin chama a atenção sobre a situação insatisfatória da literatura portuguesa no mundo alemão: “Com as novas publicações sobre Portugal em 1997 e as traduções já publicadas das obras de Fernando Campos, Clara Pinto Correia, Ilse Losa, Manuel de Oliveira, **Jorge de Sena**, Miguel Torga e algumas antologias, não há um quadro completo da literatura portuguesa. Com mais de 70.000 novas publicações por ano, não é fácil para uma literatura que, com todos os títulos lusófonos juntos, ainda representava 0,5% de todas as traduções para o alemão em 1990 (0,7% se considerarmos apenas a ficção), mas apenas 0,2% (ou 0,3%) em 1996, enquanto a proporção de traduções do inglês aumentou de 69% para quase 75% em cinco anos!” (Mertin 1997: 9). Devo acrescentar que é provável (sem poder aqui fornecer os números exatos) que a tendência tradutológica, observada há 30 anos, tenha se estabilizado, talvez mesmo intensificado. É a queda do muro de Berlim, em 1989, e o colapso dos países socialistas então que porão fim àquela *idade do ouro* dos estudos acadêmicos portugueses

¹ Todas as traduções das fontes alemãs são da minha autoria.

citada anteriormente. Uma vez que as agendas políticas e culturais são dependentes umas das outras, não surpreende que estes países, e especialmente a Alemanha reunificada, tenham se reorientado em suas prioridades. Portugal, a “tão pequena parte no mundo” de Camões, agora como parte integrante da União Européia, saiu do foco de atenções dessa nova Alemanha, embora a Feira do Livro de Frankfurt de 1997, mencionada no início desta palestra, tenha retomado em parte o antigo diálogo. (Em tempo: o Brasil foi homenageado duas vezes nesta que é a maior feira de livros do mundo: em 1994 e 2013). Apesar dessa nova orientação da Alemanha, ainda assim podemos registrar importantes traduções de autores portugueses, clássicos como contemporâneos, nas últimas décadas. Entre as mais importantes, vale mencionar as vultosas e bem sucedidas traduções de *Os Lusíadas* e a obra lírica de Camões.

Mas retornemos ao tópico Jorge de Sena e Alemanha. Os últimos anos viram surgir entre nós, na Alemanha, novas traduções do poeta português. Como minha contribuição, gostaria de apresentá-las sumariamente aqui, sem, no entanto, examiná-las criticamente. Seria, antes, lançar luz sobre a recepção literária da obra de Sena em estudos literários e em suplementos culturais de grandes jornais, bem como sobre seus pontos de contato com a cultura e a história intelectual alemã.

Além do volume em prosa *Der wundertätige Physikus (O físico prodigioso)*, mencionado acima, as traduções listadas naquela bibliografia na época da Feira do Livro identificavam Jorge de Sena sobretudo como poeta. Assim, poemas esparsos dos volumes *Pedra Filosofal*, *Brasil*, *Metamorfoses*, *Conheço o sal*, *Quem muito viu, sofreu, passou trabalhos...*, *Poesia I*, *Ideário para a criação* etc. e alguns contos de *Andanças do demónio*, que até então tinham surgido em várias antologias de literatura portuguesa ou como contribuições individuais em revistas e periódicos (e.g. *Humboldt*), traçam o perfil lírico de Sena (v. Küpper 1997: 121sg.).

O retrato lírico mais completo encontra-se na antologia *Poesia Portuguesa do Século XX*, de 1993, organizada e traduzida por Curt Meyer-Clason: um total de dez poemas de um período de mais de 30 anos, de 1942 a 1974. Num epílogo empático, Meyer-Clason cita o pensamento de Jorge de Sena sobre a sociedade (portuguesa) e a literatura (própria). Quase uma confissão da sua poética: “Sabemos que a literatura portuguesa luta contra a pequena prudência burguesa, que a constringe em todo o lado, não só de fora, mas também de dentro, como o seu público através de séculos de hipocrisia e subserviência social. A noção de geração é enganosa, uma convenção literária que não corresponde à realidade porque, segundo este sistema, pretende ser um progresso em relação aos anteriores. A cultura não avança em linha reta, mas em progresso e regressão, de onde emerge a tensão dialética do futuro. (...) A minha realidade, no sentido mais amplo, é a da luta pela liberdade humana a todos os níveis, e isto inclui as circunstâncias sociopolíticas e socioeconómicas, como a alegada obrigação moral de acabar com as livres expressões de opinião” (Meyer-Clason 1993: 328

sg.). Obviamente, o compromisso de Sena com uma literatura politicamente dedicada à luta pelas liberdades pessoais e estéticas baseia-se nas suas próprias experiências com os sistemas autoritários do Estado Novo em Portugal e da ditadura militar no Brasil.

De acordo com o seu depoimento (v. “Prefácio”, Sena 2008: 11), que já havia escrito as primeiras obras de prosa mais curtas na década de 40 (que mais tarde se enfeixariam no volume *Andanças do demónio*, posteriormente acrescidos de novos textos e rebatizado de *Novas andanças do demónio*), ele só encontraria tempo de folga no Brasil para retomar esta “trilha da criação literária”, escrevendo outras histórias e contos, e mais tarde, em 1964-65, para se dedicar ao seu trabalho de maior fôlego, o *Bildungsroman* (o romance de formação) de inspiração autobiográfica, *Sinais de fogo*, primeiro publicado postumamente em 1979 e, depois, em 1997, na Alemanha pela prestigiosa editora Suhrkamp, em tradução de Frank Heibert. Assim, os leitores alemães puderam finalmente descobrir a obra de um dos “grandes autores deste século”, segundo o texto publicitário da editora na contracapa do livro. O romance é também aí elogiado como “uma poderosa imagem de Portugal nos turbulentos anos 30 e, ao mesmo tempo, um *Entwicklungsroman* moderno de carácter autobiográfico, que cria uma realidade densa a partir da intensidade do sentir e da experiência” (v. “Contracapa” em Sena 1997). Ênfase particular é dada à “frescura e intransigência da visão de amor e sexualidade, lealdade e traição, responsabilidade e independência”, que “dá a este romance a sua força intemporal” (ibid.). Frank Heibert, o tradutor, recebeu em 1996, a “Menção Honrosa” do Prémio Português de Tradução pelo Instituto Camões. Heibert é um conhecido tradutor literário que atua principalmente nas literaturas inglesa e francesa contemporâneas mas, também, ocupa-se de alguns dos mais conhecidos autores do Brasil e de Portugal. Trata-se, por assim dizer, de um “tradutor doctus”, pois também publicou tese de doutorado sobre teoria e prática da tradução.

A última obra integral de Sena publicada na Alemanha saiu em 2008. Trata-se do volume de contos *Die Großkapitäne (Os Grão-Capitães*, já mencionado aqui), dedicado aos amigos “Luso-Brasileiros e Brasileiros” já falecidos, gente que ele tivera o privilégio de conhecer em suas estadias no Brasil de 1959 a 1965, seguido de um *post scriptum* ao prefácio, datado de 1974, e um comentário de sua viúva Mécia no terceiro aniversário de sua morte. O tradutor aqui é Markus Sahr, especialista em autores portugueses, detentor de várias bolsas de estudo do Instituto Camões de Lisboa. O volume foi publicado pela editora Erata, hoje Leipziger Literaturverlag, que tem em seu catálogo outros autores portugueses, entre eles Manuel Alegre e Yvette K. Centeno.

As críticas e resenhas em Alemanha:

Ao pesquisar resenhas de obras traduzidas de Sena em jornais de língua alemã, encontrei apenas duas, ambas saídas no *Frankefurter Allgemeine Zeitung*, o jornal mais importante da Alemanha.

Em 1989, Beate Pinkerneil apresentou a novela *O físico prodigioso* sob o título “Magia, Delusão do Diabo e Heresia” como uma “crônica escandalosa da Idade Média”. Ela nota o desejo do autor de articular transformações imaginárias e metamorfoses, reconhecendo assim uma das características estilísticas mais marcantes na prosa de Sena; e se impressiona com a ousada capacidade em combinar materiais épicos tão opostos, que lhe permitem penetrar os reinos do fantástico e do surreal. O enredo da história remonta a dois exemplos completamente independentes da obra *Orto do Esposo*, da segunda metade do século XV, que o autor incluiu nas suas anotações. Por um lado, há um homem, dotado de poderes de cura através de seu sangue e capaz de despertar os mortos; por outro, um homem que não podia ser dependurado na forca porque o diabo o protegia, elevando-o no ar. A criação de Sena à base destes dois exemplos resulta num pacto sexual (não da alma) de um belo jovem com o Diabo. Mas este não pensa em recompensar seus privilégios cumprindo com os desejos sexuais impostos pelo Demônio. Sempre que corre perigo de ser perseguido e capturado devido ao seu dom milagroso de curar os moribundos, consegue tornar-se invisível com a ajuda do seu protetor. O jovem torna-se homem e salva a bela senhora do castelo com um banho de seu sangue revigorante, ainda virgem, e com isso conquistando seu amor. A cura milagrosa chama a atenção da Inquisição, que deseja lançá-lo ao fogo devido a tais atividades blasfemas. Mas o próprio Diabo impede as intenções dos adversários teológicos, levando a “beleza indestrutível, a juventude indestrutível, o poder indestrutível do amor” rumo à vitória final. Se a crítica atesta o sucesso de tal empreendimento criador, em atualizar temáticas medievais com inegável e “calculada tensão”, condena entretanto as personagens que ali aparecem como figuras artificiais, sem sangue, estilizadas pelo autor como seres portadores de idéias e, por isso, “anêmicas”. Resta-me notar que o autor não deixou de identificar e localizar o fanático representante da Inquisição, Frei Antão, nas imediações da cultura alemã: “Frei Antão de Salzburgo fechou-se nos aposentos que ocupava desde, nomeado de Roma, viera de Colônia”,... (Capítulo IX em Sena 1989: 109).

O romance *Sinais de fogo* foi debatido no jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung* pouco depois da sua publicação, em 1998, pelo renomado escritor alemão Hanns-Josef Ortheil, e não por um editor ou jornalista *freelancer*, como de costume. Sob o título “Junge, du gefällst mir! Die Ewigen Sätze der Pubertät” (“Rapaz, eu gosto de ti! As eternas sentenças da adolescência”), o crítico introduz Sena com um breve esboço biográfico, do qual pressupõe como indispensável para a compreensão deste *Bildungsroman*, a fim de compreender melhor as experiências pessoais do autor (Ortheil 1998: 42). Segundo ele, estas acabam por ser menos as memórias nostálgicas de um velho autor do que a sua ansiada “visualização” do passado, realizada com imenso esforço estilístico. O crítico chega a postá-lo ao lado de clássicos como o *Retrato do Artista como Jovem*, de Joyce, ou mesmo o *Ferdynurke*, de Gombrowicz. Ortheil ainda elogia o fato de que a visão de Sena sobre a sexualidade

não ser nem casta nem reservada, e que isso seria favorável para o resultado final. Tendo como pano de fundo o autoritário Estado Novo português e a Guerra Civil Espanhola, em curso no país vizinho durante o verão de 1936, o protagonista do romance, o jovem Jorge, claramente o *alter ego* de Sena, apaixona-se e pela jovem mais bonita e atraente do seu círculo de amigos. Mas ela é a noiva de um homem idoso. “Sena aqui é ousado”, escreve Ortheil e continua: “Da mesma forma como ele se mostra muito explícito nos encontros dos dois amantes, ele igualmente não evita as descrições de orgias e encontros sensuais. (...) Nestas cenas, vê-se como o já maduro Sena sente-se próximo de seu antecedente mais jovem (ele próprio), deliciando-se em sua companhia” (ibid.). Mas por mais que o crítico mostre-se impressionado com a liberdade sexual e a franqueza incomum para aquela época, tais libertinagens tornam-se, ao final, ponto de crítica para ele. No retrato meticulosamente esboçado do autor, ele censura a falta de um certo “distanciamento da matéria”. Segundo ele, os diálogos não levariam a nada, haveria uma falta de rigor e a necessária supressão de trechos. Tratar-se-ia de tentativa falha de um empreendimento frustrado em reproduzir a realidade, segundo o juízo de Ortheil. A reivindicação artística do romance não poderia nem deveria resultar de uma aparente autenticidade, por assim dizer, através da prática de um “realismo total”. Um ponto de vista a ser respeitado, penso eu. Por outro lado, me parece que neste veredito de Ortheil tende-se menos a ouvir o curioso crítico/jornalista da literatura em língua estrangeira do que o romancista e novelista experiente e o acadêmico teórico-literário, que ressentia-se de uma poética diferente do romance em questão. Ele certamente admite que Sena tenha escrito um ambicioso “trabalho em grande escala, um livro escrito com muita força”, mas frustrou-se por fim ao julgar que o romance não torna-se “mais do que um reflexo poético de experiências”. Mesmo compreendendo os pontos de conflito que Ortheil censura no romance de Sena, tal crítica me parece algo vaga. Ele resume peremptoriamente: por esta razão, o leitor não se sentiria cativado, nem se deixaria seduzir pela narrativa.

Teria sido melhor, porém, que o nosso crítico houvesse antes lançado um olhar no acurado ensaio “Jorge de Sena, o Químico das Palavras”, de Luís Adriano Carlos. Este surgiu como uma contribuição original no volume *Portugiesische Literatur (Literatura Portuguesa)*, editado por Henry Thorau pela Suhrkamp Verlag, o mesmo que antes já publicara *O físico prodigioso* e *Sinais de fogo*, também por ocasião da Feira do Livro de Frankfurt, com enfoque sobre Portugal, em 1997. Houvesse lido esse ensaio, Ortheil talvez tivesse tido a oportunidade de encontrar apontamentos esclarecedores sobre algumas das características estilísticas de Sena, levando-o certamente a uma avaliação mais compreensiva e positiva dessa obra. Pela primeira vez uma editora alemã de porte reunia lusitanistas de renome internacional, apresentando de forma expressiva Portugal e a sua rica literatura em seus diversos gêneros a partir do século XIX, de Eça de Queirós até aos nossos dias, através da ensaística. A importância de Sena atribuída nessa edição, repito, que contava apenas com

a publicação de *O físico prodigioso* no mercado alemão, pode já ser constatada através da importante contribuição de Luís Adriano Carlos, professor de literatura em Coimbra, inteiramente dedicada à riqueza linguística da obra de Jorge de Sena. Mencionava ali que Sena excursionara em 1968 por diversos países europeus, incluindo a Alemanha. Infelizmente, não foram revelados maiores detalhes sobre essa e possivelmente outras estadias na Alemanha, tampouco sabe-se se recebeu convites de instituições acadêmicas.

Sua coleção de poemas *Exorcismos* de 1972 contém algumas reminiscências de sua viagem à Europa e Alemanha na época. Ambas experiências bastante decepcionantes que ele fez como turista lusófono, que não tinha a língua alemã suficientemente à sua disposição e cuja “dupla” nacionalidade como português nascido e brasileiro naturalizado encontrou rejeição. Lembrem-se, não os alemães o rejeitam, mas representantes das suas duas próprias nacionalidades, a brasileira e a portuguesa. No poema “Ronda europeia, nada sentimental”, entre as cidades visitadas de Copenhague, Roma, Londres e Paris, aparece uma vinheta referente a Düsseldorf, cidade natal de Heinrich Heine: “IV / Palavras não ou nada / que não de pessoal / o silêncio do sexo. / Mas como interpretar em língua mal sabida / os gestos do silêncio?” (v. Williams 1980: 233). Sena aqui *en passant* tematiza as dificuldades de comunicação com a língua alemã, que ele mal conhece. Mesmo os gestos de silêncio (sexual) não são decifráveis para ele. Ele sente-se com certa frustração excluído.

Na seguinte meditação poética “Ecumenismo lusitano ou a dupla nacionalidade”, o sensível turista Sena reflete sobre duas experiências feitas na Alemanha sem comentá-las: Uma vez em frente à Catedral de Colônia, outra vez no quiosque de jornais da estação de trem de Hamburgo. Ambas as vezes, sua nacionalidade como brasileiro naturalizado no casual encontro descrito com uma brasileira “real” e uma portuguesa “real” evoca incompreensão e indiferença, mesmo que se fale a mesma língua. O ponto é que a mulher brasileira, uma peregrina, é descrita por ele como tendo traços faciais lusitanos, e a portuguesa no quiosque de pele escura, morena, assim que ela ouve que sua contraparte é “apenas” um brasileiro naturalizado, não um português “legítimo”, se afasta dele sem perder mais uma palavra, “equilibrando as pernas ainda de varina / dificilmente os tacões finíssimos” (Williams 1980: 241). Sena aqui, quase profeticamente, retoma um debate que recentemente se tornou explosivo na Alemanha e na Europa. Face à globalização e às migrações, como se define hoje o conceito de nacionalidade, identidade cultural e linguística?

Carlos, profundamente familiarizado com a obra poética de Sena, enfatiza “duas facetas de uma visão global da realidade, que a poesia em prosa de Sena procura elaborar, na dialética das posições realistas” (Carlos 1997: 369). Estes seriam o “realismo fantástico”, como em *O físico prodigioso*, correlacionado com sucesso ao “realismo fenomenológico” de *Os Grão-Capitães* e ao “realismo absoluto” de *Sinais de fogo*. Foi esta expressa vontade estilística em criar um realismo *sui generis*,

diferenciado e total, um realismo incomum na prosa alemã do pós-guerra, o que provavelmente irritou Ortheil, o resenhista do romance. Para Carlos, um comprovado especialista de Sena, *Sinais de fogo* afirma-se sem dúvida como “uma das grandes obras do gênero neste século” (Carlos 1997: 368). Através da sua radicalmente nova linguagem literária da sexualidade, este livro trouxe uma renovação para a moderna prosa portuguesa. Devido à sua repercussão, a obra recebeu uma adaptação para o cinema pelo realizador português Luís Felipe Rocha, o mesmo que antes fez a ficção documental *Sinais de vida — Breve Sumário da Vida e da Obra de Jorge de Sena* (1984).

Finalmente chegamos à obra lírica de Sena. Especialmente sua coleção de poemas *Arte de Música* abre um amplo panorama com a absorção poética de várias obras musicais importantes e seus criadores. Carlos escreve a este respeito: “Dois livros, *Metamorfozes* e *Arte de Música*, realizam uma das experiências mais originais do modernismo, em que permitem que o acto de criação se realize num diálogo íntimo entre poesia, arte visual e música” (Carlos 1997: 363). O tom meditativo da metamorfose permeia também os versos da *Arte de Música*, que consegue, como nota Carlos, eliminar o perigo de permanecer em mero descritivismo.

Os poemas que se dedicam a obras individuais de grandes compositores e tentam abordá-las poeticamente, abarcá-las e tentar transformá-las em melodia e ritmo linguísticos, ele as chama de “composições de metamorfozes musicais”, derivadas da experiência auditiva e meditativa evocadas a partir dessas composições. Os poemas revelam-se como “a descrição da consciência poética do fenómeno musical” (Carlos 1997: 364), ainda segundo Carlos. O volume contém um total de 44 poemas ou “metamorfozes musicais”. Aqui o conhecimento profundo da tradição musical alemã torna-se evidente; mais da metade dos poemas são dedicados às obras de compositores de língua alemã. Naturalmente, a maioria está comprometida com o cânone do chamado Classicismo e Romantismo Alemão, a saber: Bach (3 peças), Händel, Haydn, Mozart (5), Beethoven Schubert, Schumann, Liszt e Wagner (3), Bruckner e Brahms. Entre os representantes do século XX, figuram Mahler (2 peças), Richard Strauss e Schönberg (2). A experiência auditiva com essas obras deve-se, no entanto, às gravações em discos (com seus diferentes intérpretes, instrumentistas, cantoras e cantores favoritos) do que propriamente através de concertos assistidos ao vivo. Em pequenas vinhetas aos poemas, Sena não se esquece de mencionar acuradamente dados técnicos das respectivas gravações, listando orquestras, maestros e solistas.

* * *

Finalmente, seja-me permitida uma pequena reminiscência pessoal. Ocorreu anos atrás, quando tive a oportunidade de vir a Santa Barbara pela primeira vez, aqui na Universidade da Califórnia, a convite da minha estimada colega e cara amiga Élide Valarini Oliver. Ainda me lembro bem de uma tarde em que ela me sugeriu fazermos uma pequena visita. Para surpresa minha, fomos à casa da viúva de Jorge de Sena, a querida Dona Mécia, que se

encontrava sozinha em sua grande residência e recebeu-nos com alegria e grande humor. Tomamos chá. Havia acabado de assistir a um velho filme da UFA alemã com a atriz austríaca Hedy Lamarr, na televisão. Ela estava muito entusiasmada com o filme e, quando soube que eu tinha sido até há bem pouco professor visitante na Universidade de Viena por alguns anos, queria saber por mim mais sobre a atriz. Pude contar-lhe alguns episódios sobre a movimentada vida de Lamarr, que além de atriz foi uma inventora genial (o telefone celular, o mobil phone, devemos às suas pesquisas pioneiras). Depois que ela morreu, em 2000, seu filho cumpriu sua última vontade e espalhou suas cinzas na Floresta de Viena (Wienerwald). Talvez Dona Mécia encontrasse paralelos entre a sua vida e o destino de Hedy Lamarr. A rapariga vienense que se tornou estrela em Hollywood e vivia em Los Angeles era quase uma vizinha de Mécia, a portuguesa que depois de muitas estações pelo mundo veio fixar residência em Santa Barbara, longe da sua terra natal. Tais pensamentos só me vieram à mente mais tarde. Nesta tarde estávamos sentados na sala de jantar. Élide havia trazido alguns documentos que pertenciam ao espólio de Jorge de Sena, algumas publicações e coisas afins, além de uma ou outra anedota que já não lembro mais. Do que mais gratamente recordo foi a oferta espontânea de conhecer a biblioteca do nosso poeta, privilégio para poucos, imagino. Imediatamente fui conduzido à grande sala ao lado, algo sombria devido ao sol pálido de fevereiro. As estantes tomadas de livros até o teto impressionaram-me: ali vivera e pesquisara o grande artista e intelectual, presente ainda através dos livros que o acompanharam até aqui. Ao final, fui presenteado por Dona Mécia com dois livros do poeta, cara lembrança desse encontro. E já era hora de se despedir.

* * *

Despedida seja agora a palavra-chave para mim. Após esses esparsos comentários sobre os pontos de contato entre a obra de Jorge de Sena e a Alemanha, as suas traduções, a sua recepção, as suas veneradas obras musicais com os seus compositores da tradição musical germânica, permitam-me aqui apresentar uma pequena amostra da sua poesia em língua alemã, publicada entre nós na importante e já citada antologia Portugiesische Lyrik im 20 Jahrhundert (Poesia Portuguesa no século XX), organizada e traduzida por Curt Meyer-Clason. Para esse propósito, escolhi o poema “Du bist die Erde” – “Tu és a terra”, da coleção original Conheço o sal, 1974, escrito em Londres 15/3/1973.

Antes disso, desde já mais uma vez o meu agradecimento à Universidade de Santa Barbara, à querida Élide, à família de Jorge de Sena e ao público presente pelo comparecimento e pela atenção dispensada: muito obrigado!

Bibliographia

Carlos, Luís Adriano. “Jorge de Sena der Wortalchemist”. Portugiesische Literatur, hg. Henry Thorau, Mitarbeit Marina Spinu. Frankfurt: Suhrkamp Taschenbuch 2770. 1997, p. 356-376.

ELB. “Jorge de Sena (Nachruf)”, Frankfurter Allgemeine Zeitung 06.06.1978, p. 25.

- Küpper, Klaus. Bibliographie der portugiesischen Literatur: Prosa, Lyrik, Essay und Drama in deutscher Übersetzung. Lisboa: Portugal-Frankfurt 97, S.A./K. Küpper, 1997.
- Mertin, Ray-Güde. "Vorwort: Ein gewisser Herr Kamöns" in Klaus Küpper (1997), Bibliographie der portugiesischen Literatur: Prosa, Lyrik, Essay und Drama in deutscher Übersetzung. Lisboa: Portugal-Frankfurt 97, S.A./K. Küpper, 1997, p. 7-9.
- Meyer-Clason, Curt (org.): Portugiesische Lyrik des 20 Jahrhunderts, übersetzt und herausgegeben von C. Meyer-Clason, mit einem Nachwort des Herausgebers. München: Deutscher Taschenbuch Verlag (dtv), 1993.
- Ortheil, Hanns-Josef. "Junge, du gefällst mir! Die ewigen Sätze der Pubertät: Jorge de Senas Feuerzeichen". Frankfurter Allgemeine Zeitung, 10.09.1998, Nr. 210, p. 42.
- Pinkerneil, Beate. "Magie, Teufelswahn und Ketzerei: Jorge de Senas Novelle ist eine Skandal-Chronik des Mittelalters". Frankfurter Allgemeine Zeitung, 06.09.1989, p. 34
- Sena, Jorge de. Art of Music: Thirty two musical metamorphoses and a prelude, followed by a "pot-pourri" and a postface by the author; translated by Francisco Cota Fagundes and James Houlihan and with an introductory study by F.C. Fagundes. Huntinton, West Virginia: University Editions, 1988.
- Der wundertätige Physikus (Eine Novelle), aus dem Portugiesischen von Curt Meyer-Clason. Frankfurt: Suhrkamp, 1989.
- Feuerzeichen (Roman), aus dem Portugiesischen von Frank Heibert. Frankfurt: Suhrkamp, 1997.
- Die Großkapitäne (Erzählungen) aus dem Portugiesischen von Markus Sahr. Leipzig: ERATA Literaturverlag, 2008.
- Williams, Frederick G. (Org.): The poetry of Jorge de Sena: a bilingual selection, ed. With an introduction and notes by F. G. Williams and a foreword by Mécia de Sena (various translators): Santa Barbara: Mudborn Press, 1980.